

As alucinações começaram a manifestar-se após a explosão na plataforma, no dia em que Dawson Cole deveria ter morrido.

Ao longo dos catorze anos que tinha trabalhado em plataformas petrolíferas, julgava ter presenciado já tudo. Em 1997 vira um helicóptero perder o controlo quando se preparava para pousar. Despenhara-se no convés, irrompendo numa bola de fogo abrasadora. Dawson sofrera queimaduras de segundo grau nas costas quando tentara salvar um colega. Haviam perdido a vida treze pessoas, que na sua maioria se encontravam então dentro do helicóptero. Quatro anos depois, quando um guindaste tombou na plataforma, a projeção de um destroço de metal do tamanho de uma bola de b́asquete por pouco não lhe arrancara a cabeça. Em 2004, fora um dos poucos opeŕarios que não abandonaram a plataforma quando o furacão Ivan se abateu com rajadas de vento da ordem dos cento e noventa quilómetros por hora e vagas suficientemente alterosas para ponderar deitar a mão a um paraquedas, não fosse a plataforma desabar. No entanto, outros perigos espreitavam também. As pessoas escorregavam, faziam fraturas, os golpes e as equimoses eram uma constante entre a tripulação. Dawson perdera entretanto a conta aos ossos partidos que vira, já para não falar de dois episódios de intoxicação alimentar que deixaram toda a tripulação doente. Dois anos antes, em 2007, presenciara o afundamento de um navio de abastecimento no momento em que se afastava da plataforma, conseguindo ser salvo no último instante por um cúter da guarda costeira que se encontrava nas imediações.

Todavia, a explosão fora algo diferente. Como não houvera fuga de petróleo — circunstância em que os mecanismos de segurança e respetivos reforços impediriam um grande derrame —, a notícia passara quase despercebida e acabou por ser esquecida numa questão de dias. No entanto, constituíra uma fonte de pesadelos para aqueles que tinham estado envolvidos no acidente, incluindo para o próprio Dawson. Até àquele momento, fora uma manhã igual a tantas outras. Estava a monitorizar a casa das bombas quando um dos depósitos de armazenamento de combustível explodira repentinamente. Antes que tivesse tempo de se aperceber do sucedido, o impacto da explosão projetara-o de encontro a um depósito ali próximo. Depois disso, o fogo alastrara por toda a parte. Toda a plataforma, coberta de óleo e petróleo, transformou-se rapidamente num inferno que se propagou à estrutura inteira, que foi depois sacudida por duas outras explosões de forte intensidade. Dawson lembrava-se de ter arrastado alguns corpos para longe das chamas, mas uma quarta explosão, mais forte do que as anteriores, arremessara-o ao ar pela segunda vez. Tinha uma vaga lembrança de cair em direção à água, uma queda que, para todos os efeitos, deveria tê-lo matado. Quando recuperara os sentidos, estava a boiar no golfo do México, sensivelmente a cento e quarenta e cinco quilómetros a sul de Vermilion Bay, no Luisiana.

Tal como a maioria dos outros operários, não tivera tempo para vestir o fato de sobrevivência ou de deitar a mão a um colete de salvação, mas avistara entre as ondas ao longe um homem de cabelo escuro que acenava como se lhe fizesse sinal para nadar ao seu encontro. Dawson avançara exausto e zozno nessa direção enquanto vencias as ondas do oceano. As roupas e as botas puxavam-no para baixo e, quando os braços e as pernas começaram a acusar o cansaço, deram-se conta de que ia morrer. Pensara que estava a aproximar-se, mas a ondulação não lhe permitia ter qualquer certeza. Fora então que avistara uma boia de salvação a flutuar no meio dos destroços. Recorrendo à última réstia de força, agarrara-a então. Mais tarde viria a saber que estivera cerca de quatro horas na água e que se afastara mais de um quilómetro e meio da plataforma antes de ser recolhido por um navio de abastecimento que se precipitara imediatamente para a zona. Haviam-no içado para bordo e levado para o convés

inferior para junto dos outros sobreviventes. Dawson tiritava devido à hipotermia e estava confuso. Apesar da visão desfocada — mais tarde foi-lhe diagnosticado um traumatismo moderado —, reconheceu que a sorte o bafejara. Viu homens com queimaduras graves nos braços e nos ombros, e outros a sangrar dos ouvidos ou com fraturas que estavam já a ser objeto de tratamento. Conhecia a maior parte deles pelo nome. Na plataforma existia um número muito limitado de pontos de concentração do pessoal — basicamente, era uma pequena aldeia no meio do oceano — e, mais cedo ou mais tarde, todos acabavam por se encontrar na cafetaria, na sala de convívio ou no ginásio. Um homem, porém, pareceu-lhe vagamente familiar, um homem que parecia olhá-lo fixamente do outro extremo da sala apinhada. De cabelo escuro e rondando talvez os quarenta anos, vestia um corta-vento que alguém do navio provavelmente lhe emprestara. Dawson teve a impressão de que o tipo se sentia deslocado, mais como um funcionário dos escritórios do que um operário. O homem acenou, despertando-lhe repentinamente lembranças do vulto que avistara anteriormente na água — *era* ele —, e Dawson sentiu de imediato os pelos da nuca eriçarem-se. Antes que tivesse tempo de identificar a fonte do seu mal-estar, colocaram-lhe um cobertor sobre os ombros e conduziram-no para um local no canto, onde um oficial médico aguardava para o examinar.

Quando se sentou finalmente, o homem de cabelo escuro tinha desaparecido.

Durante a hora que se seguiu, foram chegando a bordo mais sobreviventes. Mas, à medida que o seu corpo ia aquecendo, Dawson começou a perguntar-se o que fora feito do resto da tripulação. Não via nenhum dos homens com quem trabalhara durante vários anos. Mais tarde viria a saber que tinham morrido vinte e quatro pessoas. A maior parte dos corpos, embora não a totalidade, acabou por ser resgatada. Enquanto recuperava no hospital, Dawson não conseguia deixar de pensar no facto de que algumas famílias não tinham podido despedir-se devidamente.

Tinha dificuldade em dormir desde que ocorrera a explosão, não por causa de quaisquer pesadelos, mas por não ser capaz de se livrar da sensação de que estava a ser vigiado. Sentia-se... *assombrado*, por

mais ridículo que isso pudesse parecer. Dia e noite, captava esporadicamente um vislumbre de movimento pelo canto do olho, mas, sempre que se virava, nunca via nada nem ninguém que pudesse explicar essa sensação. Perguntou-se se estaria a perder a razão. O médico dera a entender que poderia estar a sofrer de uma reação pós-traumática ao stresse do acidente e que o cérebro poderia estar ainda a recompor-se do traumatismo. Fazia sentido e parecia ter a sua lógica, mas suscitava-lhe alguma apreensão. De qualquer forma, anuiu. O médico passou-lhe uma receita de soporíferos, mas Dawson não se deu ao incómodo de a aviar.

Encontrava-se de baixa médica há seis meses quando as engrenagens legais se puseram em movimento. Três semanas depois, a empresa propusera-lhe um acordo e Dawson assinara então os papéis. Nessa altura, fora já contactado por meia dúzia de advogados que disputavam entre si a preferência que daria ao eleito a oportunidade de mover uma ação judicial, só que Dawson não queria confusões. Aceitara a quantia proposta e depositara o cheque no dia em que este lhe chegara pelo correio. Com dinheiro suficiente na conta para levar algumas pessoas a considerá-lo rico, dirigiu-se ao seu banco e transferiu a maior parte do dinheiro para uma conta nas ilhas Caimão. Dali, foi encaminhado para a conta de uma empresa no Panamá, que fora aberta com um mínimo de documentação, antes de chegar ao destino final. Como sempre, era praticamente impossível seguir o rasto do dinheiro.

Ficara apenas com o suficiente para a renda e algumas outras despesas. Precisava de pouco. Precisava de tão pouco que não queria muito. Vivia numa casa pré-fabricada móvel, ao fundo de uma estrada de terra batida nos arredores de Nova Orleães, e as pessoas que para ela olhavam provavelmente pensavam que o principal aspeto positivo era ter escapado às inundações durante o furacão Katrina em 2005. Com o revestimento de plástico já estalado e desbotado, a casa encontrava-se assente em blocos de cimento, uns alicerces provisórios que de certa forma se haviam tornado definitivos com o passar do tempo. Tinha apenas um quarto com casa de banho, uma pequena sala de estar e uma cozinha onde mal cabia um minifrigorífico. O isolamento era praticamente inexistente e

a humidade acabara por deformar os soalhos ao longo dos anos, dando-lhe a impressão de que caminhava sempre em cima de uma prancha. O linóleo na cozinha estava estalado nos cantos, a tapete minimal estava puída e mobilara o espaço estreito com peças que ao longo dos anos fora buscar a lojas económicas. Nem uma única fotografia adornava as paredes. Apesar de viver lá há cerca de quinze anos, não chegava a ser um lar, mas mais um lugar onde, por sinal, comia, dormia e tomava duche.

Apesar de velha, tinha quase o aspeto original das casas do distrito de Garden. Dawson era, e sempre fora, um pouco obsessivo com a conservação. Duas vezes por ano, reparava as fendas e impermeabilizava as junções para manter afastados os roedores e os insetos e, sempre que se preparava para regressar à plataforma, esfregava o chão da cozinha e da casa de banho com desinfetante e retirava dos armários tudo o que pudesse estragar-se ou criar bolor. Por via de regra, trabalhava durante trinta dias seguidos, seguidos de outros tantos de folga, e tudo o que não estivesse enlatado estragava-se ao fim de uma semana, em especial durante o verão. Quando regressava, esfregava novamente a casa de cima a baixo enquanto a deixava arejar, procurando livrar-se o melhor possível do cheiro a bafio.

No entanto, era sossegada e tinha tudo aquilo de que ele necessitava. Situava-se a quatrocentos metros da estrada principal e o vizinho mais próximo ficava consideravelmente para lá dessa distância. Ao cabo de um mês na plataforma, vinha exatamente ao encontro das suas necessidades. Se havia algo a que nunca conseguira acostumar-se na plataforma, era o ruído incessante. Desde os guindastes a reposicionarem constantemente os mantimentos aos helicópteros, às bombas, ao bater infinito de metal em metal, a cacofonia era interminável. As plataformas bombeavam petróleo vinte e quatro sobre vinte e quatro horas, o que significava que o clamor prosseguia quando tentava dormir. Fizera um esforço para o ignorar enquanto ali estava, mas sempre que regressava à casa pré-fabricada estranhava o silêncio impenetrável quando o Sol atingia o zénite no firmamento. De manhã ouvia o canto das aves nas árvores e ao anoitecer punha-se a escutar a maneira como os

grilos e as rãs por vezes sincronizavam o ritmo alguns minutos depois de o Sol se pôr. Por norma, surtia um efeito calmante, mas esporadicamente esse som fazia-o pensar na sua terra e, quando tal sucedia, recolhia-se em casa, obrigando as memórias a ficarem lá fora. Procurava concentrar-se antes nas rotinas simples que dominavam a sua vida quando voltava a pisar solo firme.

Comia. Dormia. Corria, fazia levantamento de pesos e cuidava do carro. Dava longos passeios, sem destino prévio, dirigindo-se a lado nenhum em particular. De quando em quando ia pescar. Lia todas as noites e escrevia esporadicamente uma carta a Tuck Hostetler. Era tudo. Não possuía nem televisor nem rádio, apesar de ter telemóvel, com escassos números na lista de contactos. Ia comprar géneros alimentícios e bens de primeira necessidade e entrava na livraria uma vez por mês, mas para além disso nunca se arriscara a ir a Nova Orleães. Em catorze anos, nunca fora à Rua Bourbon, nem passara pelo Bairro Francês; nunca tomara calmamente um galão no Café Du Monde ou bebera um *hurricane*¹ no Lafitte's Blacksmith Shop Bar. Em vez de frequentar um ginásio, treinava nas traseiras da casa, debaixo de um oleado velho que estendera entre a casa e as árvores ao lado. Não ia ao cinema nem a casa de algum amigo quando os Saints² jogavam aos domingos à tarde. Tinha quarenta e dois anos e desde a adolescência que não saía em companhia feminina.

A maior parte das pessoas não queria ou não conseguia viver daquela maneira, só que não o conheciam. Não sabiam quem fora ou o que fizera e Dawson preferia que assim continuasse a ser.

Depois, inesperadamente, recebeu um telefonema numa tarde quente em meados de junho, e as memórias do passado voltaram. Dawson encontrava-se de baixa há quase nove semanas. Pela primeira vez em cerca de vinte anos, ia finalmente regressar à sua terra. A ideia causou-lhe algum desconforto, mas sabia que não tinha alternativa. Tuck fora mais do que um amigo: fora como um

¹ *Cocktail* feito com rum escuro, rum claro, sumo de maracujá, de lima, de laranja e xarope de groselha. (N. da T.)

² Os New Orleans Saints, equipa de futebol americano. (N. da T.)

pai. E, no silêncio, enquanto refletia sobre o ano que constituíra o ponto de viragem da sua vida, Dawson viu mais uma vez um clarão rápido. Quando se virou, não viu nada e perguntou-se, uma vez mais, se não estaria a enlouquecer.

O telefonema proviera de Morgan Tanner, um advogado de Oriental, na Carolina do Norte, a comunicar-lhe que Tuck Hostetler falecera. «Há alguns pormenores que convinha tratar pessoalmente», explicara Tanner.

O primeiro instinto de Dawson, depois de desligar, fora reservar um lugar no avião e um quarto numa pensão local, depois ligar para uma florista, fazer uma encomenda e combinar um local de entrega.

Na manhã seguinte, depois de trancar a porta da frente da casa, Dawson dera a volta até às traseiras em direção ao alpendre onde guardava o carro. Era terça-feira, 18 de junho de 2009, e levava consigo o único fato que tinha, bem como um saco de lona que preparara a meio da noite, já que não conseguira dormir. Abriu o cadeado e levantou o capô, vendo o sol incidir no carro que andara ocupado a restaurar e a consertar desde o secundário. Era um *fastback*³ de 1969, o tipo de carro que fazia virar as cabeças na altura em que Nixon era presidente e que ainda despertava a mesma reação. Parecia acabado de sair da linha de montagem e, ao longo dos anos, inúmeros desconhecidos lhe haviam feito ofertas de compra. Dawson recusara-as sempre. «É mais do que um mero carro», respondia-lhes, sem dar mais nenhuma explicação. Tuck teria entendido exatamente o que ele queria dizer.

Dawson atirou o saco de lona para o banco do passageiro e colocou o fato por cima antes de se sentar ao volante. Quando rodou a chave, o motor ganhou vida com um ronco sonoro e o carro avançou até à gralhinha. Quando se apeou para trancar o barracão, reviu mentalmente a lista de tarefas para se certificar de que não faltava nada. Dois minutos depois, seguia já pela estrada principal e passada meia hora entrava no parque de estacionamento de longa

³ Veículo com a parte traseira alongada e tejadilho moderadamente curvado que vai inclinando até ao porta-bagagens. (N. da T.)

duração no aeroporto de Nova Orleães. Detestava abandonar ali o carro, mas não tinha outra alternativa. Recolheu a bagagem e dirigiu-se para o terminal onde o aguardava um bilhete no balcão da transportadora aérea.

O aeroporto estava apinhado. Homens e mulheres caminhavam de braço dado, famílias de visita aos avós ou ao Disney World, estudantes de regresso a casa ou à universidade. Homens em viagens de negócios faziam deslizar a bagagem de mão enquanto tagarelavam ao telemóvel. Dawson colocou-se na fila que avançava lentamente e esperou que um balcão de atendimento ficasse livre. Mostrou a identificação e respondeu às perguntas de segurança básicas antes de lhe serem entregues os cartões de embarque. Haveria uma única escala em Charlotte, que demoraria pouco mais de uma hora. Nada mau. Assim que aterrasse em New Bern e recolhesse a viatura de aluguer, esperava-o um percurso de quarenta minutos por estrada. Partindo do princípio de que não haveria quaisquer atrasos, chegaria a Oriental ao final da tarde.

Só quando se sentou no seu lugar no avião é que Dawson se apercebeu de como estava cansado. Não tinha a noção das horas a que finalmente conseguira adormecer — da última vez que olhara para o relógio eram quase quatro horas —, mas calculou que pudesse aproveitar o tempo do voo para dormir. Além do mais, não teria nada para fazer assim que chegasse a Oriental. Era filho único, a mãe abandonara-o quando tinha três anos e o pai fizera um favor ao mundo morrendo de tanto se embebedar. Há anos que Dawson não falava com ninguém da família e não era sua intenção reatar nenhum contacto naquele momento.

Seria uma visita rápida, ir e vir no mesmo dia. Faria o que tinha a fazer e não pretendia demorar-se mais do que o estritamente necessário. Crescera ali em Oriental, mas na realidade nunca sentira pertencer ali. A Oriental que conhecia não se assemelhava nada à imagem promocional publicitada pelo gabinete de turismo local. Para a maior parte das pessoas que passavam ali a tarde, Oriental apresentava-se como uma pequena localidade idiossincrática, apreciada por artistas, poetas e reformados que queriam tão-somente passar os últimos anos das suas vidas a velejar no rio

Neuse. Não faltava o imprescindível centro pitoresco, com lojas de antiguidades, galerias de arte e cafetarias, e realizavam-se ali mais festivais por semana do que se afigurava possível para um lugar com menos de mil almas. Contudo, a verdadeira Oriental, aquela que conhecera em criança e quando era já um homenzinho, era habitada por famílias cujos antepassados ali residiram desde os tempos coloniais. Pessoas como o juiz McCall e o xerife Harris, Eugenia Wilcox e as famílias Collier e Bennett. Aqueles que sempre detiveram a posse da terra, cultivaram os campos, venderam a madeira e criaram os estabelecimentos comerciais; eram os poderosos, a subcorrente invisível numa localidade que sempre fora deles. E que assim queriam que ela se conservasse.

Dawson sentira-o diretamente na pele quando tinha dezoito anos, e novamente aos vinte e três, altura em que abandonara Oriental definitivamente. Não era fácil ser-se um Cole no condado de Pamlico, particularmente em Oriental. E, tanto quanto sabia, cada um dos Coles na árvore genealógica da família descendia do bisavô que cumprira pena de prisão efetiva. Diversos membros da família tinham sido acusados de tudo, desde assalto, agressão, fogo posto, tentativa de homicídio e até mesmo homicídio qualificado, e o terreno de solo rochoso rodeado de árvores que abrigava a família alargada era como um país com as suas próprias regras. Um punhado de chalés decrepitos, casas pré-fabricadas móveis e barracões de sucata salpicavam a propriedade que esta família apelidava de lar e, a menos que não tivesse alternativa, até o xerife evitava lá pôr os pés. Os caçadores passavam ao largo das terras, presumindo, e com razão, que a placa onde podia ler-se OS ESTRANHOS SERÃO IMEDIATAMENTE ABATIDOS A TIRO não constituía um simples aviso mas antes uma promessa. Os Coles dedicavam-se à produção clandestina de bebidas alcoólicas e ao tráfico de droga, eram alcoólicos, batiam nas esposas, eram pais e mães perniciosos, roubavam, dedicavam-se ao proxenetismo e, como se não bastasse, eram patologicamente violentos. Segundo um artigo que fora publicado numa revista agora extinta, a dada altura chegaram a ser considerados a família moralmente mais depravada e vingativa a leste de Raleigh. O pai de Dawson não constituía exceção.

Entre os vinte e os trinta e poucos anos, estivera preso por diversos delitos, entre os quais se incluía espetar um picador de gelo num homem depois de este lhe ter barrado o caminho na estrada. Fora condenado duas vezes por homicídio, mas acabara por ser absolvido em virtude do desaparecimento das testemunhas, e até o resto da família sabia que era preferível não o irritar. Como ou por que motivo a mãe se casara com o seu pai era uma pergunta para a qual Dawson não encontrava resposta. Não culpava a mãe por ter fugido. Ele próprio tivera vontade de fazer exatamente o mesmo durante a maior parte da sua infância. E também não culpava a mãe por não o ter levado com ela. Os homens da família Cole eram extremamente ciosos da sua prole e não duvidava de que o pai teria perseguido a mãe para trazer o filho de volta. Ele próprio o afirmara por mais de uma vez a Dawson, que achara por bem não questionar o pai sobre o que teria feito caso a mãe se tivesse recusado a entregá-lo. Dawson já sabia a resposta.

Perguntou-se quantos membros da sua família viveriam ainda naquela terra. Quando finalmente tivera a coragem de partir de Oriental, para além do pai existia um avô, quatro tios, três tias e dezasseis primos. Entretanto, com os primos já crescidos e com prole própria, provavelmente seriam mais, mas não tinha o menor desejo de saber. Talvez esse fosse o mundo onde tinha crescido, mas, à semelhança do que sentia em relação a Oriental, também nunca se sentira pertencer efetivamente a eles. Talvez a sua mãe, fosse lá quem fosse, tivesse alguma coisa a ver com isso, porque Dawson não era igual a eles. Sentindo-se sozinho no meio dos primos, nunca se metera em brigas na escola e conseguira ter notas razoáveis. Mantivera-se longe das drogas e do álcool e durante a adolescência evitara os primos quando partiam em grupo para a cidade à procura de sarilhos, costumando recorrer à desculpa de que tinha de vigiar o alambique ou ajudar a dismantelar um carro que alguém da família roubara. Procurava não arranjar problemas e tentava dar o mínimo possível nas vistas.

Era uma questão de equilíbrio. Os Coles talvez fossem um bando de criminosos, mas isso não significava que fossem tolos, e Dawson sabia no seu íntimo que precisava de disfarçar as suas

diferenças o melhor que podia. Provavelmente fora o único aluno na história da escola que se afincara o suficiente para ter proposi-tadamente negativa num teste e que encontrara forma de falsificar os boletins escolares para que parecesse ter pior aproveitamento do que na realidade sucedia. Aprendera a esvaziar dissimuladamente uma lata de cerveja espetando-lhe um canivete assim que as suas companhias viravam costas e usava o trabalho como pretexto para se furtar à companhia dos primos, ficando a mourejar até meio da noite. Estas artimanhas até resultaram durante uns tempos, mas com o passar do tempo a fachada começou a dar de si. Um dos professores comentara com um amigo de copos do pai que Dawson era o melhor aluno da turma e as tias e os tios começaram a aperceber-se então de que ele era o único dos sobrinhos que se mantinha dentro dos limites da lei. Numa família que prezava a lealdade e a conformidade acima de tudo, Dawson primava pela diferença e não existia pecado pior.

O pai ficara furioso. Apesar de Dawson apanhar sovas com regularidade — o pai privilegiava os cintos e as correias —, quando tinha doze anos as sovas tornaram-se pessoais. O pai espancava-o até as costas e o peito dele ficarem roxos, depois regressava passada uma hora e fazia convergir a sua atenção no rosto e nas pernas do rapaz. Os professores tinham conhecimento do que se passava, mas, temendo pelas suas próprias famílias, faziam vista grossa. O xerife fingia não ver as equimoses e os vergões quando Dawson regressava a casa depois das aulas. O resto da família não via qualquer problema nisso. Abee e Ted Marado, os primos mais velhos, costumavam cair-lhe em cima ao mesmo tempo, batendo-lhe tanto quanto o pai: Abee porque pensava que Dawson o merecia e Ted Marado sem qualquer razão em particular. Abee, alto e espadaúdo, com punhos do tamanho de ossos de pernil, era violento e irascível, mas mais inteligente do que deixava transparecer. Por seu lado, Ted Marado nascera já com maus fígados. No jardim de infância espetara um colega com um lápis durante a disputa de um *Twinkie*⁴ e, antes de ser finalmente expulso no quinto ano, enviara outro

⁴ Marca de bolos fritos recheados com creme branco. (N. da T.)

colega para o hospital. Constava que, ainda adolescente, matara um drogado. Dawson achara sempre preferível não ripostar. Aprendera então a proteger-se enquanto recebia os socos, até os primos se fartarem, cansarem ou ambas as coisas.

Dawson não seguiu, porém, os passos da família e tornou-se mais determinado do que nunca. Com o tempo, percebeu que, quanto mais gritava, mais o pai lhe batia, e resolveu então manter-se calado. Por mais violento que o pai fosse, era também um desordeiro, e Dawson cedo percebeu que os desordeiros travavam apenas as batalhas que tinham a certeza de vencer. Sabia que haveria de chegar um dia em que deixaria de ter medo do pai e seria suficientemente forte para ripostar. Quando os socos choviam sobre ele, tentava imaginar a coragem demonstrada pela mãe ao cortar todos os laços com a família.

Esforçara-se ao máximo por acelerar esse processo. Prendera um saco cheio de trapos a uma árvore e desferia-lhe diariamente socos durante horas a fio. Levantava pedras e peças de motor o máximo de vezes possível. Efetuava elevações, flexões e abdominais ao longo do dia. Ganhara quatro quilos e meio de músculos antes de completar treze anos e mais nove quilos aos catorze. Estava também a ficar mais alto. Aos quinze anos, era praticamente da altura do pai. Uma noite, tinha ele completado dezasseis anos há um mês, o pai lançara-se sobre ele de cinto na mão depois de ter estado a beber toda a noite e Dawson levantara-se e arrancara-lho das mãos. Advertira o pai de que o matava se alguma vez voltasse a tocar-lhe.

Nessa noite, sem ter mais nenhum sítio para onde ir, refugiara-se na garagem de Tuck. Quando este o encontrara na manhã seguinte, Dawson pedira-lhe trabalho. Não existia nenhuma razão para que ele ajudasse Dawson, que, para além de ser um desconhecido, era também um Cole. Tuck limpava as mãos ao lenço que guardava no bolso de trás das calças, tentando ler-lhe o rosto antes de retirar o maço de cigarros. Na altura contava sessenta e um anos e enviudara há dois. Quando falava, Dawson sentia-lhe o bafo a álcool no hálito e a voz era áspera dos resíduos dos *Camels* sem filtro que fumava desde criança. A sua pronúncia, tal como a de Dawson, era genuinamente rústica.

«Calculo qu'os consigas desmontar, mas pe'cebes alguma coisa de montá-los outra vez?»

«Sim, senhor», respondera Dawson.

«Vais à escola hoje?»

«Sim, senhor.»

«Então, volta pr'aqui logo depois e verei como t'sais.»

Dawson não faltara e esforçava-se por provar o seu mérito. Depois do trabalho, chovera durante a maior parte da noite e, quando Dawson voltava para a garagem para se abrigar da tempestade, Tuck estava lá à sua espera.

Tuck não fizera qualquer comentário. Inalara com força o fumo do seu *Camel*, olhando de soslaio para Dawson, e acabara por voltar para dentro de casa. Dawson nunca mais passara outra noite na casa da sua família. Tuck não o obrigava a pagar renda e Dawson comprava a sua própria comida. À medida que os meses iam passando, Dawson começara então a pensar no seu futuro pela primeira vez na vida. Poupava o mais que podia, tendo esbanjado apenas na compra do *fastback* que encontrara numa sucata e nas embalagens grandes de chá doce para o jantar. Restaurava o carro ao serão, depois do trabalho, enquanto bebia o chá, e imaginava-se a ir para a faculdade, algo que nenhum Cole alguma vez fizera. Pensara alistar-se no exército ou alugar simplesmente uma casa para morar, mas o pai aparecera-lhe de surpresa na garagem antes que pudesse tomar quaisquer decisões. Viera acompanhado de Ted Marado e Abee, ambos munidos de bastões de basebol. Dawson reparara no contorno de uma naifa no bolso de Ted.

«Dá-m'ó dinheiro que tens ganhado!», ordenara o pai sem qualquer preâmbulo.

«Não», respondera Dawson.

«Já sabia que ias dizer isso, rapaz. Por isso trouxe o Ted e o Abee aqui comigo. Podem arrancar-te o dinheiro à força de pancada, e acabo por ficar co'a grana à mesma, ou podes dar-me o que me deves por teres fugido.»

Dawson não respondera. O pai escarafunchara nas gengivas com um palito. «Sabes, bastava-me um crime ali na cidade pra eu acabar co' esta tua vidinha aqui. Talvez um assalto, talvez um incêndio.

Quem sabe? Depois bastava deixarmos umas provas falsas, fazer um telefonema anónimo prò xerife, e depois a lei encarregava-se do resto. Estás aqui sozinho à noite e num tens nenhum álibi, e a mim tanto me faz que fiques a apodrecer na prisa o resto da tua vida rodeado de ferro e betão. Não mexerei uma palha. Por isso, passa pra cá a massa!»

Dawson sabia que o pai não estava a fazer *bluff*. Mantendo o semblante impassível, tirara o dinheiro da carteira. Depois de contar as notas, o pai cuspira o palito para o chão e sorrija. «Voltarei prà semana.»

Dawson lá conseguira governar-se. Ia amealhando algum do dinheiro que ganhava para continuar a arranjar o *fastback* e comprar o chá doce, mas entregava ao pai a maior parte do que ganhava. Embora desconfiasse que Tuck sabia o que se passava, este nunca lhe dissera nada diretamente. Não que tivesse medo dos Coles, mas porque não era da sua conta. Em vez disso, começou a preparar comida a mais para os jantares. «Sobrou um bocado, se quiseres», dizia, aparecendo na garagem com um prato.

As mais das vezes, dava meia-volta e regressava a casa sem abrir a boca. Era este o tipo de relação que tinham e Dawson respeitava-a. Respeitava Tuck. À sua maneira, este tornara-se mais importante na sua vida e Dawson não conseguia imaginar nada que pudesse mudar isso.

Até ao dia em que Amanda Collier entrou no seu mundo.

Apesar de conhecer Amanda há anos — existia apenas uma escola secundária no condado de Pamlico e fora colega dela na escola durante a maior parte da sua vida —, foi só na primavera do décimo primeiro ano de escolaridade que trocaram mais do que algumas palavras pela primeira vez. Sempre a considerara bonita, mas não era o único. Amanda era popular, o tipo de rapariga que se sentava rodeada de amigas à mesa na cafetaria enquanto os rapazes disputavam a sua atenção, e não era apenas delegada de turma mas também líder da claqué. Tudo isto, aliado ao facto de ser rica, acabava por a tornar tão inacessível para ele quanto uma atriz na televisão. Nunca trocara uma palavra com ela, até ao dia em que acabaram por ficar emparelhados como colegas de laboratório numa aula de química.

Enquanto manuseavam os tubos de ensaio muito concentrados e estudavam juntos para os testes daquele período, Dawson apercebera-se de que ela era muito diferente do que imaginara. Em primeiro lugar, o facto de ser uma Collier e ele um Cole parecia não ter a menor importância para a jovem, algo que o surpreendeu. Possuía uma gargalhada rápida, irreverente e, quando sorria, notava-se um laivo de malícia, como se soubesse de algo que todos os demais ignoravam. O cabelo era de um intenso tom louro-dourado, os olhos da cor dos céus quentes de verão e, por vezes, quando resolviam equações nos cadernos, ela tocava-lhe no braço para lhe chamar a atenção e a sensação perdurava durante horas. À tarde, quando trabalhava na garagem, apercebia-se de que não conseguia parar de pensar nela. Tivera de esperar até à primavera para poder finalmente encher-se de coragem e perguntar se podia oferecer-lhe um gelado e, já perto do final do ano letivo, começaram então a passar cada vez mais tempo juntos.

Estava-se em 1984 e ele tinha dezassete anos. Quando o verão terminara, sabia que estava apaixonado e, quando o ar arrefeceu e as folhas de outono cobriram o solo em faixas de vermelho e amarelo, teve a certeza de que queria passar o resto da vida com ela, por mais absurdo que isso pudesse parecer. Ficaram juntos no ano seguinte, tornando-se cada vez mais próximos e passando o máximo possível de tempo na companhia um do outro. Com Amanda, era fácil ser ele próprio; com Amanda, sentiu contentamento pela primeira vez na vida. Por vezes, ainda hoje não conseguia pensar senão naquele final de ano que haviam passado juntos.

Talvez fosse mais correto afirmar que não conseguia pensar senão em Amanda.

No avião, Dawson acomodou-se para a viagem. Tinha o lugar à janela, mais ou menos a meio do aparelho, ao lado de uma mulher jovem: cabelo ruivo, talvez trinta e cinco anos, pernas esguias e alta. Não propriamente o seu tipo, mas era bastante bonita. Debruçou-se sobre ele enquanto procurava o cinto de segurança e esboçou um sorriso de desculpa.

Dawson anuiu com a cabeça, mas começou a olhar pela janela ao pressentir que ela se preparava para meter conversa. Viu o carro de transporte de bagagem afastar-se do avião e refugiou-se, como era seu hábito, nas memórias distantes em relação a Amanda. Recordou as vezes que tinham ido nadar no rio Neuse naquele primeiro verão, os corpos escorregadios a roçarem um no outro; ou a forma como ela costumava sentar-se na mesa de trabalho enquanto ele arranjava o carro na garagem de Tuck, abraçada aos joelhos fletidos, levando-o a desejar vê-la ali sentada assim para sempre. Em agosto, quando finalmente conseguira pôr o carro a trabalhar pela primeira vez, levava-a à praia. Estenderam-se nas toalhas, de mãos entrelaçadas enquanto falavam sobre os seus livros preferidos, os filmes que adoravam, os seus segredos e os sonhos para o futuro.

Também discutiam, e fora então que Dawson vislumbrara a natureza inflamada dela. As dissidências não eram constantes, mas também não eram infrequentes; curiosamente, por mais depressa que os ânimos se exaltassem, também se extinguíam com igual celeridade. Às vezes era por coisas sem importância — Amanda era bastante opiniosa — e atacavam-se furiosamente durante uns instantes, sem chegarem a qualquer espécie de acordo. Mesmo naquelas ocasiões em que ele se irritava a valer, era-lhe impossível não admirar tamanha franqueza, uma franqueza que radicava no facto de Amanda o amar mais do que alguma vez alguém o amara na vida.

Para além de Tuck, ninguém percebia o que ela via nele. Apesar de no início terem tentado esconder a sua relação, Oriental era uma cidade pequena e, inevitavelmente, as pessoas começaram a comentar. Uma por uma, as amigas dela afastaram-se, e não tardou muito que os pais dela descobrissem. Ele era um Cole e ela uma Collier, e isso constituía motivo mais do que suficiente para descoroçoamento. No início, os pais dela agarraram-se à esperança de que Amanda estivesse apenas a atravessar uma fase de rebeldia e decidiram desvalorizar a situação. Como isso não teve resultado, a situação tornou-se mais complicada para Amanda. Tiraram-lhe a carta de condução e proibiram-na de usar o telefone. No outono, esteve diversas semanas de castigo e impedida de sair aos sábados e

domingos. Nem uma única vez Dawson pôde entrar em casa dela, e a única ocasião em que o pai dela lhe dirigiu a palavra foi para o apelidar de «pedaço de lixo branco desprezível». A mãe suplicara a Amanda que acabasse com tudo e em dezembro o pai deixara de lhe dirigir por completo a palavra.

A hostilidade em torno de ambos só serviu para os aproximar ainda mais e, quando Dawson começou a dar-lhe a mão em público, Amanda manteve-se de cabeça erguida, desafiando todos aqueles que tivessem a ousadia de lhe dizer para largar a mão dele. Só que Dawson não era ingénuo; por muito que ela fosse importante para si, sempre sentira que aquilo não duraria muito tempo. Tudo e todos pareciam apostados em fazer-lhes frente. Quando o pai soubesse do envolvimento dele com Amanda, crivá-lo-ia de perguntas na altura em que viesse reclamar-lhe o estipêndio. Conquanto não houvesse nada de ameaçador no tom, o simples facto de o ouvir proferir o nome dela foi suficiente para deixar Dawson nauseado.

Em janeiro, Amanda completou dezoito anos. Mas, furiosos como os pais estavam com a relação, pouco faltou para a expulsarem de casa. Nessa altura, Amanda era indiferente ao que as pessoas pensavam — ou pelo menos era o que dizia sempre a Dawson. Às vezes, depois de mais uma discussão amarga com os pais, escapuliu-se pela janela do quarto a meio da noite e ia à garagem. Muitas vezes ele estava à sua espera, mas noutras ocasiões era acordado por sacudidelas enquanto ela se deitava ao seu lado na esteira que costumava estender no chão do escritório da garagem. Iam até ao riacho e Dawson enlaçava-a enquanto permaneciam sentados nos ramos baixos de um antigo carvalho-branco. Ao luar, enquanto os salmonetes saltavam, Amanda reproduzia-lhe as discussões com os pais, por vezes com a voz embargada, mas sempre com cuidado para não ferir os sentimentos dele. Dawson amava-a por isso, apesar de saber exatamente aquilo que os pais dela pensavam a seu respeito. Certo serão, enquanto as lágrimas lhe brotavam por debaixo das pestanas após mais uma discussão, Dawson sugerira-lhe delicadamente que seria preferível deixarem de se ver para não lhe causar mais dissabores.

«É isso que queres?», sussurrara ela numa voz entrecortada.

Dawson puxara-a para si, cingindo-a delicadamente. «Só quero que sejas feliz», murmurara.

Amanda encostara-se a ele, deitando a cabeça no ombro dele. Enquanto a mantinha abraçada, Dawson nunca se odiou tanto por ter nascido um Cole.

«Sou mais feliz quando estou contigo», murmurara Amanda finalmente.

Mais tarde naquela noite, fizeram amor pela primeira vez. E, durante mais de duas décadas, Dawson guardou dentro de si as recordações daquela ocasião, sabendo que Amanda tinha falado pelos dois.

Depois de aterrar em Charlotte, Dawson colocou ao ombro o saco de lona e o porta-fatos e atravessou o terminal, praticamente alheio à atividade que o rodeava enquanto revivia as memórias daquele último verão com Amanda. Naquela primavera anterior, Amanda recebera a notícia de que fora aceite na Universidade de Duke, um sonho que acalentava desde menina. O espectro da partida, associado ao isolamento em relação à família e amigos, só servira para intensificar o desejo de passarem juntos o máximo de tempo possível. Ficaram horas na praia e deram longos passeios de carro enquanto o rádio tocava alto, ou permaneceram simplesmente abraçados na garagem de Tuck. Trocaram juras de que muito pouco mudaria depois da partida dela: ou ele se deslocaria a Durham ou ela viria visitá-lo. Amanda não duvidava de que haveriam de conseguir que a relação resultasse.

Porém, os pais tinham outros planos. Num sábado de manhã em agosto, quando faltava pouco mais de uma semana para ela partir para Durham, confrontaram-na antes de ela ter tempo para sair de casa. A mãe encarregara-se do discurso, muito embora Amanda calculasse que o pai estaria absolutamente de acordo.

«Isto já foi longe de mais», começara a mãe e, numa voz surpreendentemente calma, informara Amanda de que, se continuasse a encontrar-se com Dawson, teria de abandonar a casa dos pais em setembro e começar a sustentar-se sozinha, além de que não lhe pagariam as propinas da universidade. «Porque haveríamos de gastar dinheiro com a universidade quando estás a desperdiçar a tua vida?»

Quando Amanda se preparava para protestar, a mãe ignorara-a. «Ele vai arrastar-te para a lama, Amanda, mas neste momento és demasiado jovem para compreenderes. Portanto, se queres ter a liberdade de uma pessoa adulta, vais assumir também as responsabilidades que isso acarreta. Se queres desgraçar a tua vida e ficar com o Dawson, não te impediremos. Mas também não vamos compactuar contigo.»

Amanda saíra a correr de casa, com uma única ideia em mente: encontrar Dawson. Quando chegara à garagem, chorava tão convulsivamente que mal conseguira falar. Dawson estreitara-a contra si enquanto ela ia deixando escapar pedaços do sucedido, até que os soluços cessaram por fim.

«Vamos viver juntos», sugerira ela, de faces ainda molhadas.

«Onde? Aqui? Na garagem?»

«Não sei. Haveremos de encontrar uma solução.»

Dawson mantivera-se em silêncio, de olhos postos no chão. «Precisas de ir para a universidade», dissera-lhe finalmente.

«Não quero saber da universidade para nada!», protestara Amanda. «Só quero saber de ti.»

Dawson parara de a abraçar. «Também gosto muito de ti. E é por isso que não quero ser um obstáculo na tua vida.»

Amanda abanara a cabeça, perplexa. «Não és nenhum obstáculo para mim. São os meus pais. Continuam a tratar-me como se fosse uma criança.»

«É por minha causa e ambos o sabemos.» Dawson dera então um pontapé na terra solta. «Quando se ama uma pessoa, devemos libertá-la, certo?»

Pela primeira vez, os olhos dela dardejaram. «E se essa pessoa não quiser ser libertada, vai ser obrigada na mesma? É assim que vês a situação? Como uma espécie de cliché?» Agarrara-o pelo braço, cravando-lhe os dedos. «Nós não somos um cliché. Haveremos de encontrar uma solução para que possa funcionar. Talvez consiga um emprego a servir às mesas e depois podemos alugar uma casa.»

Dawson mantivera a voz calma, desejando que não se alquebrasse. «Como? Pensas que o meu pai vai deixar de me extorquir dinheiro?»

«Podemos mudar-nos para outro lugar.»

«Para onde? E com quê? Não tenho nada. Será que é assim tão difícil de entender?» Deixara as palavras pairar no ar e, como ela não respondia, prosseguira: «Só estou a tentar ser realista. Estamos a falar da tua vida. E... eu não posso continuar a fazer parte dela.»

«O que estás a dizer?»

«Estou a dar razão aos teus pais.»

«Não podes estar a falar a sério!»

Dawson notara na voz dela algo que quase poderia ser medo. Embora ansiasse abraçá-la, recuara deliberadamente. «Volta para casa», dissera-lhe.

Amanda avançara para ele. «Dawson...?»

«Não!», retorquira ele com rispidez, recuando rapidamente. «Não me estás a ouvir. Acabou, certo? Tentámos, não resultou. A vida continua.»

O semblante dela ficara esmorecido, quase sem vida. «Então ficamos assim?»

Ao invés de responder, Dawson obrigara-se a virar costas e encaminhara-se para a garagem. Sabia que mudaria de ideias se ousasse olhar para ela, e não tinha o direito de a prejudicar. Não queria prejudicá-la. Curvou-se sob o capô do *fastback*, recusando-se a deixá-la ver-lhe as lágrimas.

Quando Amanda finalmente se retirara, Dawson deitara-se no chão de cimento ao lado do carro e permanecera aí durante horas, até Tuck aparecer finalmente e sentar-se ao seu lado. Mantivera-se ali em silêncio durante muito tempo.

«Acabaste tudo», dissera-lhe Tuck por fim.

«Teve de ser.» Dawson pouco mais conseguira articular.

«Pois. Sei o que isso é.»

O Sol ia subindo bem alto no céu, cobrindo tudo no exterior da garagem com uma quietude que mais parecia de morte.

«Tomei a decisão certa?»

Tuck levava a mão ao bolso e retirara os cigarros, ganhando tempo antes de responder. Começara a dar pancadinhas no maço para fazer sair um *Camel*. «Não sei. Existia imensa magia entre os dois, isso é inegável. E a magia dificulta o esquecimento.»

Tuck dera-lhe uma palmadinha amigável nas costas e levantara-se para se ir embora. Era mais do que alguma vez dissera a Dawson a respeito de Amanda. Enquanto se afastava, Dawson semicerrara os olhos contra o sol e as lágrimas recomeçaram a cair. Sabia que Amanda seria sempre a melhor parte de si, a faceta que sempre ansiaria conhecer.

Só não sabia que nunca mais voltaria a vê-la nem a falar com ela. Na semana seguinte, Amanda mudou-se então para uma das residências da Universidade de Duke, e um mês depois Dawson foi detido.

Passou os quatro anos seguintes atrás das grades.